

Rui Barbosa

Mario Brockmann Machado

RUI BARBOSA NASCEU NO dia 5 de novembro de 1849. Dotado não apenas de inteligência privilegiada, mas também de grande capacidade de trabalho, Rui deixou marcas profundas em vários campos de atividade profissional: no campo do Direito - seja como advogado, seja como jurista -, na Política, no Jornalismo e na Diplomacia.

Foi deputado, senador, ministro e candidato à Presidência da República em duas ocasiões, tendo realizado campanhas memoráveis. Seu comportamento, pedagogicamente exemplar, sempre revelou sólidos princípios éticos e grande independência política.

Participou de todas as grandes questões de sua época, entre as quais a Campanha Abolicionista, a defesa da Federação e a própria fundação da República, e a Campanha Civilista.

Mesmo admirando a cultura francesa, como todos os intelectuais de sua época, Rui também conhecia a fundo o pensamento político constitucional anglo-americano, que, por seu intermédio, tanto influenciou a nossa primeira Constituição republicana. Ao longo de toda a sua vida, foi um defensor incansável da Democracia e de todas as liberdades.

Grande orador, era também um estudioso da língua portuguesa, tendo sido presidente da Academia Brasileira de Letras em substituição a Machado de Assis.

Rui representou o Brasil com brilhantismo na 2ª Conferência da Paz e, já no final de sua vida, foi eleito Juiz da Corte de Justiça Internacional de Haia, da Liga das Nações.

Sua produção intelectual é vastíssima. Basta dizer que a nossa Fundação já publicou 136 tomos de suas obras completas, e ainda temos material para novas edições.

Por tudo isso, Rui foi, sem dúvida, um importante personagem da História do Brasil.

Decorridos 150 anos do seu nascimento, a Casa de Rui Barbosa decidiu fazer um balanço de fim-de-século da herança política desse intelectual vocacionado para a vida pública. Para isso, convidamos Bolívar Lamounier, um dos mais respeitados cientistas políticos contemporâneos.

Baseando-se em sólido conhecimento da história do pensamento político brasileiro do período, da bibliografia internacional sobre processos de democratização, e de Teoria Política, o autor analisou, com clareza e acuidade, as críticas, de direita e esquerda, ao ideário e à ação política de Rui Barbosa voltados para a construção de uma ordem jurídica liberal e democrática. Eis, em resumo, a gigantesca meta a que Rui consagrou sua existência:

Aqui não se chora. Aqui se reage. Aqui não se alçam bandeiras de lágrimas. Desfralda-se a bandeira da luta e da liberdade. A que me está nas mãos, é a mesma de 1874, a mesma de 1888, a mesma de 1889, a mesma de 1893, a mesma de 1910, a mesma de 1916, a mesma de 1919; uma só, bandeira de cem batalhas, muitas vezes atraçoada, mas ainda não vencida: a bandeira do voto livre; a bandeira da extinção do cativo; a bandeira da União na Federação; a bandeira da Constituição republicana; a bandeira de ódio às oligarquias e ditaduras; a bandeira da honra do Brasil no estrangeiro; a bandeira da revisão

constitucional; a bandeira da verdade na República, da liberdade na democracia, da moralidade na administração. Numa palavra: a bandeira do futuro.¹

Por outro lado, mostra Lamounier como o liberalismo de Rui, superando a fase individualista, revela-se, nos discursos da campanha presidencial de 1919, profundamente comprometido com a promoção dos direitos sociais da grande maioria da população brasileira. Manifestando sua solidariedade com a classe operária, e afirmando a primazia do trabalho sobre o capital, Rui defende a promoção de um amplo leque de medidas concretas: construção de casas para os operários, limitação do trabalho de menores, proibição do trabalho noturno, fixação da jornada de oito horas, melhoria das condições de higiene e segurança nos locais de trabalho, proteção do trabalho das mulheres (A igual trabalho igual salário.), licença maternidade, acidentes de trabalho e seguro obrigatório (inclusive com a substituição do princípio contratual pela tutela legislativa do operário), extensão das medidas legais ao trabalhador do campo, restrição ao trabalho em domicílio, e proibição de armazéns de venda aos operários (aparelhos de escravização aos capitais). E conclui: Estou, senhores, com a democracia social.² E com Rui estavam os grandes centros urbanos, que lhe deram maioria de votos - tal como acontecera na eleição de 1910. Mas o eleitorado do interior era muito mais numeroso.

Até em seu leito de morte, Rui continuou acreditando no poder da palavra como único recurso válido no debate político civilizado. Quanto mais não fora, essa crença, por si só, constitui um legado admirável.

Ao refletir sobre essa intensa história de vida do ponto de vista da construção institucional da Democracia, Lamounier abriu inovadora perspectiva para a incessante interpretação do

¹ Rui Barbosa. Campanha da Bahia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 121 (Obras Completas de Rui Barbosa, vol. 46, t. 3, 1919).

² Rui Barbosa. A Questão Social e Política no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998, p. 26.

papel de Rui Barbosa. Pessoalmente, estou convencido de que seu livro será um marco nos estudos ruianos, referência obrigatória para quantos queiram melhor entender aquele grande brasileiro, sua época, os grandes desafios que enfrentou - muitos dos quais ainda hoje nos afligem -, e seu legado para as novas gerações em sua esperançosa luta pela liberdade, pela democracia, pelo desenvolvimento econômico, e pela justiça social.